Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v38i146.964
ESTUDOS BÍBLICOS

O profetismo israelita frente à prática do uso da balança falsa

Israeli prophetism in the face of the practice of using false scales

Raimundo Alves Martins*

* Especialista em Teologia Sistemática (Faculdade Assembleiana do Brasil). Mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Brasil.

r.vencedor@gmail.com

Recebido em: 11/09/2022

Aprovado em: 14/04/2023

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

Em vários períodos do Antigo Testamento houve, naturalmente, notáveis acontecimentos que foram responsáveis por causar consideráveis impactos e profundas transformações em todas as camadas da sociedade israelita. Dentre tantas casualidades, ora boas ora maléficas, uma delas, contudo, se tornou uma prática usual que, negativamente, sempre esteve presente no âmbito econômico, religioso e social. Tal prática era o uso da balança falsa. A via de teorização aqui adotada respalda a possibilidade de que, em contraposição, a atuação do profetismo israelita contribuiu relevantemente em muitos aspectos na formação social e religiosa da coletividade do antigo Israel, combatendo, inclusive, o uso da balança falsa. Assim, em síntese, por meio de fontes bibliográfica e de perícopes bíblicas, objetivamos identificar e demonstrar fragmentos da estreita relação que havia entre a balança falsa e a atuação de tantos comerciantes/mercadores. Havia ainda, dentro do campo cerimonial, uma rigorosa aproximação entre as práticas de alguns líderes religiosos com as artimanhas do uso da balança falsa. No entanto, ao mesmo tempo, por ordem de Iahweh, houve duras reações por parte de alguns destemidos profetas contra aquela injusta prática. Por fim, o artigo concluí que os diversos mecanismos empregados no uso da balança falsa haviam, lamentavelmente, se tornado numa espécie de "herança" sociocultural-religiosa no antigo Israel. Logo, foi possível notar ainda que isso ocorria mesmo diante dos duros oráculos que eram proferidos por parte dos profetas.

Palavras-chave: Balança falsa. Profetismo. Profetas. Meio religioso.

Abstract

In various periods of the Old Testament, in which renowned and anonymous prophets acted, there were, of course, notable events that were responsible for causing considerable impacts and profound transformations in all layers of Israeli society. Among so many casualties, sometimes good and sometimes harmful, that arose and were exercised among the ancient Israelites, one of them, however, became a usual practice that, negatively, was always present in the economic, religious and social spheres. Such a practice was the use of the false balance. The theorizing route

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

adopted here supports the possibility that, in contrast, the performance of Israelite prophetism contributed significantly in many aspects to the social and religious formation of the collectivity of ancient Israel, even combating the use of false scales. Thus, in summary, through bibliographical sources and biblical narratives, we aim to identify and demonstrate the close relationship between the false balance and many merchants/merchants; and yet, the rigorous rapprochement between some religious leaders and their tricks in the use of false scales in the ceremonial field. However, at the same time, by order of Yahweh, there were harsh reactions on the part of some fearless prophets against that unjust practice. Finally, the article concluded that the various mechanisms employed in the use of false scales had regrettably, become a kind of sociocultural-religious "heritage" in ancient Israel. Soon, it was also possible to note that this occurred even in the face of the harsh oracles that were uttered by the prophets.

Keywords: False balance. Prophetism. Prophets. Religious environment.

1 Introdução

A pretensão primordial para este artigo passa pelo interesse particular do autor em pesquisar sobre os múltiplos temas, contidos nos aspectos sociais, culturais e religiosos dos povos bíblicos, especificamente os povos que viveram na época do Antigo Testamento. Afinal, conforme diz o provérbio hebraico, que adquirir sabedoria e alcançar conhecimento "vale mais que a prata, e o seu lucro mais que o ouro" (Pv 3,14). No entanto, tendo consciência da quase infinitude de temas alusivos à época mencionada, assim propusemos aqui enfocar sobre o desafio que tiveram os profetas de Iahweh em combaterem a prática do uso da balança falsa.

Desvendarmos os processos e as razões nas quais se fundamentavam e se praticavam os atos de ilicitudes, durante o período do profetismo israelita, requer, naturalmente, que venhamos a analisar, em síntese, certas tradições e costumes. Por isso, no presente artigo selecionamos e expomos algumas perícopes bíblicas convenientes, além de confiáveis fragmentos de informações bibliográficas que nos ajudarão a compreendermos os fatos, os assuntos e os personagens que aqui serão abordados.

A questão geral do artigo se prende às plausíveis atuações diretivas de alguns notáveis profetas, especificamente Miquéias, Ezequiel e Amós. Suas mensagens foram pregadas em meio a um universo sociorreligioso complexo, uma vez que ele se encontrava contaminado por deslealdades e enganos nas áreas moral e religiosa. Esses profetas foram protagonistas em se manterem fiéis às mensagens e às determinações recebidas de Iahweh. Com isso, em seus oráculos, sobretudo, repetida vezes eles prosseguiram exortando e expondo os malfeitos de seus contemporâneos, os quais eram maliciosos e falsos em suas negociações comerciais e financeiras. As afirmações contidas no corpo do artigo se baseiam, após a busca e, por conseguinte, após uma análise de algumas fontes e afirmações teóricas do campo de estudo de história social e religiosa. Por fim, por meio delas, conclui-se, portanto, que se não fosse as destemidas atuações — ameaças e "admoestações éticas" (FOHRER, 1982, p. 355) — dos profetas de Iahweh, certamente todos os antigos israelitas teriam sidos sucumbidos em graves delitos, caos éticos e em todos os tipos de desordens sociais.

2 Balança falsa no antigo Israel – enfoque histórico e socioeconômico

No aspecto urbanístico e ambiental, a maioria das cidades daqueles dias proporcionavam condições à compra e venda de bens e mercadorias, pois eram cercadas e protegidas por grandes e altas muralhas (MAZAR, 2003, p. 371). Um outro detalhe, na parte central, por exemplo, muitas cidades possuíam praças públicas que serviam de espaços para a realização de feiras livres e, além disso, esses espaços públicos serviam também para a realização de outras reuniões populares (Ne 8,1,3; Jó 29,7). Nas cidades mais importantes havia ainda palácios, armazéns, locais de cultos, estábulos reais, moradias comuns e algumas instalações industriais (oficinas, carpintarias) diversas (TOGNINI, 2009, p. 234).

No aspecto econômico-mercantil, as compras, vendas e trocas de mercadorias e de escravos ou de prisioneiros de guerras eram realizadas em espaços públicos, e com a participação de quase toda a população local, além, também, de considerada quantidade de mercadores viajantes. De modo geral, era nas "feiras livres" que eram vendidos cereais (cevada, centeio, trigo, milho), frutas (passas, romã, melão, maçã, figo, oliva); diversos tipos de azeites, aves, peixes; produtos de laticínios (COLEMAN, 1991, p. 208); e algumas espécies de animais domésticos. Sob outro ângulo, porém, nas cidades onde o ambiente era favorável a tais comercializações, não eram poucos os comerciantes que estavam envolvidos com "as fraudes de pesos e medidas, [...] e falsidades" (ROSSI, 2013, p. 111). Sob o pressuposto de se adquirir lucro rápido e fácil, logo, entre os vendedores de produtos hortifrutigranjeiros havia comerciantes/vendedores que eram maliciosos e trapaceiros em suas negociações — "quanto ao trapaceiro, perversas são as suas trapaças, faz tramas indignas" (Is 32,7). Premeditadamente, eles usavam do engano e da desonestidade quando no ato da venda pesavam fraudulosamente as suas mercadorias. Por outro lado, os compradores de determinada mercadoria pagavam com moedas, joias ou outros metais preciosos; ou ainda, usavam outras mercadorias e/ou animais como meio de trocas. Entretanto, uma grande parcela daqueles compradores era trapaceada, pois, os vendedores maliciosamente usavam as suas balanças de maneira enganosa quando pesavam aquelas mercadorias — faziam assim devido, antes, já terem maquinado em seus corações o desejo de obterem indevidas vantagens lucrativas. "No coração dos que maquinam o mal há engano" (Pv 12.20).

Sobre os pesos e balanças usados na época, Walton (2018, p. 513, 782) diz que "as balanças eram usadas por mercadores para determinar o peso de seus produtos". De Vaux (2003, p.16) informa que as balanças e seus respectivos pesos eram carregados pelos comerciantes "dentro de uma bolsa". Ainda, segundo o Dicionário Bíblico Wycliffe (PFEIFFER, 2007, p. 259), no Antigo Testamento "três palavras são usadas para descrever balanças, *qaneh*, 'cana, travessão das balanças' (Is 46.6 apenas); *pele*s, 'indicador, travessão do nível das balanças' (Is 40.12; Pv 16.11 apenas); *e mo'z'nayim*, 'um par de pratos da balança' (16 vezes)". Neste mesmo sentido, Silva (2018, p. 48) afirma que "as balanças antigas eram um instrumento simples, [...] normalmente de junco [...], havia também balanças de ferro, com vigas e parafusos, como atestados com frequência no antigo Egito e na Mesopotâmia".

> A medida para o cereal era uma medida oca, chamada de *efa* (correspondente a 40 ou 45 litros); a medida para a pesagem da prata era o *siclo* (correspondente a aproximadamente 11 gramas de prata). Aí é vinculada a informação de que, por ocasião de tais transações, haveria o

> recurso a meios fraudulentos para a obtenção de lucros ilícitos (REIMER *apud* RICHTER REIMER, 2006, p. 22).

Os enganos inerentes ao uso maléfico da balança desonesta, que eram praticados por muitas pessoas no antigo Israel, haviam adquirido dimensões absurdas e profundas. Historicamente, haviam também se tornado uma das características principais no ambiente das suas múltiplas atividades econômicas e comerciais. Por séculos, simultaneamente, conforme exemplificado em textos bíblicos, juntamente com fontes aqui consultadas (FOHRER, 1982; WALTON, 2003; BAKER, 2017; GUNNEWEG. 2005; REIMER, 2006), assim como acontecia entre os antigos hebreus, a balança falsa sempre esteve inserida dentro do contexto socioeconômico de outros diferentes povos — aliás, conforme afirma Max Weber (2004, p. 23), "em todos os períodos históricos, sempre que foi possível houve a aquisição cruel, desligada de qualquer norma ética". Desde tempos remotos, a ausência de integridade associada à uma *má-fé,* à qual, antes, em algum momento, já tenha sido planejada, são facilmente constatadas nos relatos sobre muitas e diversificadas transações comerciais e econômicas (Gn 31,7). Durante o processo das transações comerciais comuns, ou então, naquelas que envolviam maiores montantes, muitos vendedores, especificamente, aproveitavam para persuadir e ludibriar os clientes-compradores (pessoas comuns ou outros comerciantes).

Comparando a situação vigente em Israel à situação vivida pelos moradores de Canaã, o profeta Oseias anunciou que Canaã "tem em sua mão uma balança falsa, ele gosta de extorquir" (Os 12.8). Isso evidencia que, rotineiramente, as desonestidades e trapaças se faziam presentes na maioria das negociações econômicas e financeiras independentemente dos montantes nelas envolvidos. A partir desta concepção, nota-se que, por meio de pesos e de medidas que estavam fora dos padrões regulares, obter ilicitamente lucros elevados e volumosas vantagens financeiras haviam se tornado um mal costume, comum para muitos comerciantes. Sempre havia uma intenção oculta pôr uma das partes envolvidas para conseguir ludibriar uma outra pessoa. Assim faziam, dolosamente, pois a iniquidade já havia sido planejada antes e o mal tramado ainda quando estavam em seus próprios leitos (Mq 2.1) para que, ao amanhecer, serem desonestos com uma determinada pessoa, família, ou ainda, com uma determinada coletividade. Porém, do ponto de vista ético e moral os tais lucros conseguidos com o uso da balança desonesta eram, portanto, prejudiciais economicamente e imorais socialmente. No entanto, por ter inserido na cotidianidade de suas vidas um estado moral degradante, então, logo se esqueciam que aqueles lucros seriam apenas temporários e que gerariam graves consequências. "Parece doce o pão da fraude, mas depois a boca fica cheia de areia" (Pv 20,17).

Geralmente, induzido pela cobiça, quem era desonesto nas negociações seculares objetivava sempre conseguir maiores montantes financeiros sem, no entanto, se importar com que maneira isso era realizado. Desse modo, não havia demonstração alguma de preocupação com a honestidade e com os princípios construtivos de justiça e integridade, mas, em contrapartida, possuía uma sequiosa ambição por riquezas e poder econômico.

> A cobiça se ramifica em três direções diferentes, todas elas idolátricas, às quais correspondem ações específicas. A primeira tem um aspecto de *injustiça direta*, premeditada. Neste caso a cobiça não respeita as posses nem a vida do próximo. Estimula despojar os outros de seus bens para apropriar-se deles [...]. A segunda ação se caracteriza pelo

> *egoísmo*, que impede de compartilhar os bens [....]. Por último, a cobiça se manifesta também na *preocupação* pela sobrevivência" (SICRE DÍAZ, 2016, p. 490-491).

Segundo descrevem as narrativas bíblicas a seguir, em três períodos da história do povo hebreu, na época do Antigo Testamento, Iahweh manifestou ao povo israelita a sua contrariedade com a injustiça que estava sendo praticada quando se usava a balança desonesta: (1) nos dias do êxodo, sob a liderança de Moisés: "tereis balanças justas, pesos justos, medida justa e quartilho justo" (Lv 19,36); (2) nos dias do reinado do rei Salomão: "balança falsa é abominação para Iahweh, mas o peso justo tem o seu favor" (Pv 11,1); (3) nos dias do ministério profético de Miquéias: "posso considerar quites as balanças falsas, uma bolsa de pesos falsificados?" (Mq 6,11)[1]. Os três textos bíblicos a pouco citados pautam sobre o mesmo tema, e muito pouco se divergem em seus propósitos doutrinários e instrutivos. Paralelamente, eles evidenciam que todas as pessoas que cometem o delito do uso da balança enganosa, conscientes estão (antes e durante o ato) de que, de modo acintoso, estão agindo deliberadamente com desonestidade, injustiça e com uma índole maquiada por uma veracidade aparente.

A geração de israelitas que viveu nos dias "êxodo" (HOFF, 2007, p.140), foi advertida sobre o tentador perigo de serem desonestos em suas diversas negociações comerciais. Se isto fosse ignorado, então a desonestidade do povo afetaria a santidade individual e coletiva, e impediria a comunhão do povo para com Iahweh (Ex 34,23). Na compra ou na venda de produtos, a nenhum deles era permitido defraudar ou roubar a quem quer que fosse (HOFF, 2007). Conforme o código de santidade da Lei Mosaica, eles deveriam usar os pesos e as medidas de maneira honesta e correta: "pesos justos, efa justo, justo him tereis" (Lv 19,36). Esta ordem, vinda de Iahweh, tinha que ser obedecida, assim como as demais instruções sociais e religiosas: "guardai, pois, todos os meus estatutos e minhas normas e praticai-os. Eu sou Iahweh" (Lv 19,37). Quando, porém, os israelitas desobedeciam às instruções para usarem os pesos justos, logo eles cometiam o pecado da mentira no uso da balança falsa – do ponto de vista teológico, esse tipo de pecado (a desonestidade) inclui-se em um grupo específico de pecados do Antigo Testamento denominados de "pecados intencionais" (ELLISEN, 2007, p. 63). Isso, porque eram atitudes já premeditadas e calculadas com uma certa antecedência; eram também atitudes voluntárias e não podiam ser expiados com os diversos tipos de ofertas sacrificiais, especificadas na Lei Mosaica.

No quadro histórico das narrativas veterotestamentárias encontramos, por exemplo, citações que apontam que nos dias do reinado do rei Salomão o uso da balança desonesta e dos pesos falsos eram aplicados diariamente (WALTON. 2018). Embora houvesse um padrão de pesos determinados por autoridades da Côrte Real (2Sm 14,26), entretanto, não eram eles usados corretamente pelos mercadores. No aspecto prático, o nocivo hábito do uso da balança enganosa permaneceu ativo através dos séculos. Paralelamente, do mesmo modo, apontamentos teóricos indicam que em diferentes regiões tal hábito havia, portanto, se tornado uma espécie de prática "padrão", e assim como tantas outras eram então, "comumente admitidas" (DE VAUX, 2003, p. 226) pela sociedade. Neste sentido, Walton (2003, p. 205) ao discorrer sobre o assunto diz que tal costume era "bastante comum no mundo antigo".

[1] As referências bíblicas aqui citadas foram extraídas da Bíblia de Jerusalém (2002).

A hipótese que levantamos é a de que, consequentemente, por se encontrar acondicionado a um estado comum e impudico, o delito do uso da balança desonesta entranhou-se na vida secular cotidiana de uma parcela da antiga sociedade hebreia. Os vários tipos de pesos desiguais que eram usados em diferentes dimensões nunca foram empregados sem propósitos e sem objetivos, mas, em contraste, sempre foram bem arquitetados premeditadamente pelos ardilosos enganadores. Com isso, intencionava-se obter sempre muitas e repetitivas vantagens econômicas, conforme registrou o salmista: "maldição, fraude e violência lhe enchem a boca, sob sua língua há opressão e maldade" (Sl 10,7).

3 O uso da balança falsa no meio religioso israelita

"Sim, encontram-se ímpios em meu povo, eles estão à espreita, como passarinheiros que se agacham, eles montam armadilhas, e caçam homens" (Jr 5,26).

A funesta política de se usar meios e argumentos enganosos no campo da vivência religiosa não é algo peculiar dos tempos hodiernos, uma vez que já existiam no ambiente religioso desde os dias do antigo Israel. Em termos de conteúdo, isso se deve a diversos fatores. Similarmente ao que acontece atualmente, por aquele universo religioso ser um ambiente em que a espiritualidade das pessoas encontrava disponível os meios e os elementos ritualísticos para que a mesma pudesse ser aflorada, e assim, consequentemente, ter a sua religiosidade exercida, contudo, havia momentos de vulnerabilidades que aflorava brechas para a atuação de certos "aproveitadores" da fé. Conforme afirma Anjos (2008, p. 25), "a espiritualidade é uma condição humana da qual não se escapa". Ou seja, cada ser humano possui um tipo particular de crença, aliada ao seu próprio modo de crer em algum tipo de divindade ou de alguma *força* maior. De acordo com Martins (2019, p. 59), "é durante a busca para alcançar estes objetivos, é que elas terminam sendo vítimas fáceis de muitos tipos de enganos e de fraudes, que são praticadas por aproveitadores e enganadores". Nesse sentido, nas inovações religiosas que surgiram no antigo Israel (GUNNEWEG, 2005), lamentavelmente, os meios e argumentos fraudulentos do uso da balança desonesta ocorriam com mais ímpeto no período em que o estado emocional, físico e espiritual dos devotos estava fragilizado.

As realidades vividas na cotidianidade israelita sob a prática farsante da balança desonesta foram abordadas e explicitadas por vários escritores veterotestamentários. Por conseguinte, elas também estão sendo analisadas em tempos recentes, sob a lente de renomados teóricos. Stanley Ellisen (2007, p. 45), por exemplo, referindo-se a dois jovens agentes religiosos — filhos do sumo sacerdote Eli — diz que tais homens sagazmente usavam além dos direitos e dos privilégios específicos, atribuídos ao ministério dos sacerdotes, para conseguirem vantagens e benefícios próprios. Tais práticas foram registradas pelo autor de 1 Samuel 2,12-17:

> Ora, os filhos de Eli eram homens desonestos, que não se preocupavam com Iahweh, nem com o direito dos sacerdotes em relação ao povo. Toda vez que alguém oferecia um sacrifício, enquanto se cozinhava a carne, o servo do sacerdote vinha com um garfo de três dentes, metia-o no caldeirão, ou na panela, ou no tacho, ou na travessa, e tudo quanto o garfo trazia preso, o sacerdote retinha como seu; assim se fazia com todo o Israel que ia a Silo. E também, antes de se queimar a gordura,

> vinha o servo do sacerdote e dizia ao que realizava o sacrifício: "Dá essa carne que deve ser assada ao sacerdote, porque ele não aceitará de tia carne cozida, mas sim a crua." E se aquele homem respondia: "Primeiro queime-se a gordura, e depois tira o que quiseres", ele dizia: "Não, ou me dás agora mesmo como disse, ou tomarei à força". O pecado daqueles moços foi grande perante Iahweh, porque tratavam com descaso a oferenda feita a Iahweh.

Dentre múltiplos e graves deslizes morais que cometiam durante o exercício do ofício sacerdotal — tais como imoralidades sexuais consumadas nas dependências do tabernáculo (1Sm 2,23) — os cobiçosos religiosos obtinham ilícitas vantagens quando tomavam para si os melhores pedaços de carnes dos animais que eram destinados aos sacrifícios religiosos. Assim faziam para satisfazerem às suas desmedidas gulodices (v. 15). Desse modo, eles desprezavam um importante preceito da Lei, o qual dizia que as necessidades pessoais dos sacerdotes deveriam ser supridas pelas outras tribos que "davam seus dízimos aos sacerdotes" (HOFF, 2007, p. 192) em prol de seus sustentos diários. Publicamente, os enganadores e insaciáveis religiosos usavam durante as cerimônias sacrificais as artimanhas idênticas às práticas da balança desonesta. Pegavam para si as partes de melhor qualidade de cada animal, porém, usavam nos sacrifícios as que eram de qualidades inferiores. Entretanto, a narrativa bíblica regista que as premeditadas artimanhas cometidas pelos filhos do sacerdote Eli fizeram evidenciar outros graves e vergonhosos erros morais e ministeriais que estavam sendo cometidos: a) menosprezavam o ofício sacerdotal; b) contaminavam e profanavam o tabernáculo; c) eram irreverentes e desobedientes à lei de Deus: "o pecado daqueles moços foi grande perante Iahweh, porque tratavam com descaso a oferenda feita a Iahweh" (1Sm 2,17).

Cabe ponderar que os sacerdotes faziam parte de uma classe de religiosos considerada muito importante na história do povo israelita. Eram homens escolhidos dentre os demais da tribo de Levi e eram consagrados para tal ofício (Êx 29,1; Lv 8-9). Segundo afirma Gunneweg (2005, p. 182), aos sacerdotes foram entregues "as funções do culto sacrificial". Além do mais, continua o citado autor, por meio da Torá, Iahweh atribuiu ao sacerdote outras incumbências: "pode proferir um oráculo em nome de Deus [...]; profere uma sentença de Deus; se apresentava como mediador de bênção de maldição". Conforme estas citações, podemos admitir que, assim como os profetas de Iahweh, aos sacerdotes eram dispensadas muitas responsabilidades, entretanto, devido ao cargo que ocupavam eles usufruíam de privilégios sobre os demais israelitas[2]. Ao longo de anos de história em que foi praticado o ofício sacerdotal, numerosos foram os sacerdotes que se perverteram e se deixaram contaminar com as impurezas relativas à prática da balança falsa (1Rs 1,7; Lv 10,1; Jr 20,1-6), se tornando-os culpados por descaminharem o povo (FOHRER, 1982).

Nos oráculos proferidos pelo profeta Ezequiel — o último representante dos "grandes profetas individuais" (FOHRER, 1982, p. 393) —, houve momentos em que o profeta, metaforicamente, dirigiu suas exortações especificamente a determinados líderes religiosos; isto é, contra os líderes denominados como "os pastores de Israel" (Ez 34,1). Tal como já havia feito o profeta Jeremias, dizendo: "ai dos pastores" (Jr 23,1), logo, o profeta Ezequiel, a mando de Iahweh — a ordem de Iahweh foi: "profetiza

[2] Para maiores considerações sobre as responsabilidades, funções e requisitos dos Sacerdotes, na época do antigo Israel, ver Paul Hoff (2007, p. 189-191).

contra — se voltou para criticar líderes apóstatas, deliberados e maliciosos que usavam de meios ilegais e desonestos. Tais líderes haviam deixado de apascentar e cuidar das ovelhas e passaram, tão somente, a apascentarem a "si mesmos' (Ez 34, 7). Segundo afirma Walton (2003, p. 743), os líderes religiosos "usufruíam dos benefícios de sua posição, sem assumir sua responsabilidade". Isso mostra que tais líderes, por estarem excessivamente apegados aos próprios desejos e interesses foram, infelizmente, contagiados pelas más atitudes pertinentes ao contexto da balança desonesta.

Nesse percurso, usando uma linguagem metafórica (BAKER, 2017), o profeta Ezequiel ressalta que ao invés de proporcionarem cuidados e alimentos para ovelhas, ao contrário, porém, eles se apropriavam da "lã, do leite e da carne das ovelhas" (Ez 34,3). Como resultado por tanta omissão, exploração e descuidado por parte dos "pastores de Israel", logo o "rebanho dispersou-se por todos os montes [...] e por toda a superfície da terra" (v. 6); e ainda, tornou-se "objeto de saque e presa para outros animais" (v. 8). Por ter outras ovelhas para servirem aos seus próprios propósitos, os agentes religiosos não mais procuravam e nem buscavam as que haviam "se perdido". Todavia, o profeta vaticinou que haveria um alto preço a ser pago por não terem arcados com suas responsabilidades eclesiásticas: "assim diz o Senhor Iahweh: das suas mãos requererei prestação de contas a respeito do rebanho e os impedirei de apascentar o meu rebanho!" (v. 10).

Com efeito, é interessante percebermos que no decadente cenário religioso israelita antigo, muitas foram as pessoas de destacadas posições sociais-religiosas que se valeram maliciosamente dos elementos característicos à balança desonesta (1Sm 8,3). Neste contexto, as inúmeras e más atitudes propositais que visavam obterem diversos tipos de vantagens se qualificam, por exemplo, como pesos e medidas tendenciosas, dentro dos variados tipos de balanças. Com o passar do tempo, quase tudo, aparentemente, que estava relacionado à religiosidade hebreia estava passando por uma letargia espiritual: "conhecem o caminho de Iahweh e o direito de seu Deus! Mas também eles quebraram o jugo, romperam os lanços" (Jr 5,5). Assim, não era muito difícil haver uma acomodação e, além disso, uma espécie de ritualização das nocivas práticas burlistas vigentes naquele cenário religioso, ao ponto de os sacerdotes terem se unidos "aos salteadores e assassinos" contemporâneos (ELLISEN, 2007, p. 320).

De forma intencional e premeditada, importantes líderes religiosos distorciam os princípios morais da Lei, ou seja, descaracterizavam "os códigos sociais e religiosos" (KONINGS, 2014, p. 83). Da mesma forma, eles omitiam elementos cruciais contidos nas tradições vigentes desde as gerações passadas. Nesse caso, reveste-se de grande relevância o questionamento feito pelo salmista, quando perguntou: "não sabem todos os malfeitores que devoram meu povo, como se comessem pão, e não invocam a Iahweh?" (Sl 14,4).

4 O profetismo israelita frente à prática do uso da balança falsa

"Abominação para Iahweh: dois pesos; e balança falsa não é boa" (Pv 20.23). "Todo caminho do homem é reto aos seus olhos, mas Iahweh pesa os corações" (Pv 21,2).

Quanto ao termo *profeta*, Gunneweg (2005, p. 237) traz a seguinte definição:

> A palavra *nabi* é comumente traduzida por ‘profeta’. A etimologia do termo não é muito nítida. Talvez esteja ligada à raiz *nb* = ‘chamar’. Nesse caso, a palavra significaria ‘aquele que chama’ ou ‘que foi chamado’. [...] nos textos que dispomos, as derivações da respectiva raiz verbal (quando nas traduções se formula ‘profetizar’ significam tanto como ‘portar-se como *nabi* em delírio estático’; ‘está fora de si’, ‘estar possuído’.

Num universo crítico, composto por oráculos admoestadores “numa tentativa de mudar o comportamento das pessoas” (BAKER, 2017. p. 267), a arte de confrontar as injustiças e a fraudes que eram praticadas imitando as atitudes daqueles que usavam das astúcias da balança desonesta, exigia, naturalmente, muita coragem e determinação por parte dos profetas fiéis a Iahweh. Conforme afirma Gunneweg (2005, p. 250), os “profetas visam confrontar o ouvinte com uma decisão: fé ou descrença, salvação ou perdição”. Neste sentido, Fohrer (1982, p. 342) enfatiza que “os profetas denunciaram implacavelmente as transgressões das classes altas e dos grandes proprietários”. No entanto, em desacordo com este pensamento, muitos profetas não agiam desta forma. Não obstante, porém, é fácil encontrarmos relatos bíblicos nos quais se percebe, por exemplo, que a maléfica intenção em se omitir as verdades exortativas, contidas nos textos sagrados, objetivava, dentre outros propósitos, a agradar a todo tipo de ouvintes, mas não a Iahweh. Aliás, cabe ressaltar que essa é uma atividade exercida desde o início do profetismo israelita. Dessa forma, em contraste com os verdadeiros profetas que falavam somente o que Iahweh lhes mandava e não o que o povo desejava ouvir — “o que o Senhor me disser, isso falarei” (1Rs 22,14) —, os falsos profetas, todavia, maliciosamente prediziam e disseminavam mentiras (SICRE DIAZ, 1986) que agradavam a maioria da população, aos fraudulentos e idólatras religiosos; agradavam ainda aos ímpios monarcas de Israel e até de outras nações, mas, pelo contrário, desagradavam a Iahweh:

> “Por isso, eis que estou contra os profetas — oráculo de Iahweh — que roubam um do outro a minha palavra. Eis que estou contra os profetas — oráculo de Iahweh — que usam a sua língua para proferir oráculos. Eis que estou contra os profetas que profetizam sonhos mentirosos — oráculo de Iahweh —, que os contam e seduzem o meu povo com suas mentiras e com seus enganos. Mas eu não os enviei, não lhes dei ordens, e não são de nenhuma utilidade para este povo, oráculo de Iahweh. E quando este povo — ou um profeta ou um sacerdote — te perguntar: "Qual é a carga de Iahweh?", tu lhes dirás: "Vós sois a carga, e eu vos rejeitarei, oráculo de Iahweh!" E o profeta, o sacerdote ou alguém do povo que disser "carga de Iahweh", eu castigarei esse homem e a sua casa. Assim direis um ao outro, um homem a seu irmão: "o que Iahweh respondeu?", ou "o que falou Iahweh?" E não mencionareis mais carga de Iahweh, porque a carga de Iahweh para cada um é a sua própria palavra. Vós perverteis as palavras do Deus vivo, Iahweh dos Exércitos, nosso Deus!” (Jr 23, 30-36).

Além disso, dentre outros objetivos, os antiéticos profetas visavam se beneficiarem de diversas maneiras. Por exemplo, ao serem agradáveis em seus vaticínios, então imaginavam que não seriam desprezados e nem expulsos das cidades; as suas profecias seriam bem recebidas pela população em geral, e por conseguinte, se tornariam amigos dos monarcas e teriam livres acessos para frequentarem a casa real (MARTINS, 2019,

p, 17). Entretanto, segundo descrevem alguns textos do A.T., eles eram considerados como profetas falsos, mentirosos e gananciosos diante dos santos olhos de Iahweh: "porque desde o menor até o maior, todos eles são gananciosos; e desde o profeta até o sacerdote, todos eles praticam a mentira" (Jr 6,13).

Em contrapartida, durante o tempo que durou o profetismo israelita houve profetas que não se corromperam e se mantiveram insuspeitos. Eles proferiam seus oráculos somente às pessoas as quais lhes eram sido determinadas e, dessa forma, atuavam exclusivamente no tempo que já lhes havia sido proposto: "no período inicial da monarquia, os profetas dirigiam-se primordialmente ao rei e à sua corte [...]. No início do século oitavo, porém, sua atenção voltou-se para o povo e para as questões sociais e espirituais" (WALTON, 2003, p. 195). Além disso, as denúncias proféticas feitas pelos verdadeiros profetas de Iahweh atingiam o campo religioso, econômico, político e social — "tais como economia, exploração corrupção política, [...], violência e sangue derramado, roubo e extorsão, luxo e ócio" (VASCONELLOS, 2009, p. 125).

Ousadia, inflexibilidade (Ez 2,6) e autoridade para profetizar (1 Rs 17.1) eram os requisitos necessários a todos aqueles que, em nome de Iahweh (Dt 18,22), guiados pelo "espírito de Iahweh" (Ez 11,4) e amparados pelas "visões" dadas por Iahweh (Os 12,10) desejavam combater as injustiças e as outras práticas indevidas (REIMER, 2006).

Dentre os profetas levantados por Iahweh para combater o nocivo costume em que se usava a balança falsa podemos destacar o profeta Miquéias — "Miquéias era natural da cidadezinha de Moreshet-Gath, na região montanhosa de Judá, ao sudoeste de Jerusalém" (FOHRER, 1985, p. 315). A respeito do profeta Miquéias, Norman K. Gottwald (1986, p. 524) faz a seguinte pontuação:

> Pelo contrário, de todos os profetas, é Miquéias quem mais insiste em escolher como alvo a fonte do mal nas classes superiores urbanas. 'Os ricos' cheios de violência e 'as classes superiores' experientes na fraude são paralelismos sinônimos. A mentira e a fraude referem-se, quer a falsos pesos e medidas dos negociantes, quer aos processos legais falsificados, pelos quais reclamações comerciais de execução de hipoteca sobre empréstimos a juros exorbitantes têm precedência sobre o direito de um israelita de segurar a sua terra.

Ao escolher o profeta Miquéias, nesse sentido, especificamente, a intenção de Iahweh era a de novamente falar, por meio do mesmo, contra os defraudadores israelitas (FOHRER, 1982), e ainda, alertá-los que, de modo irreversível, o juízo de Deus viria sobre eles por causa de tantas desobediências (Mq 6.9-15) que eles estavam cometendo. Durante o tempo em que proferiu seus oráculos o profeta Miquéias se deparou com uma "série de injustiças" (SICRE DIAZ, 1996, p. 278). Entre tantos e graves atos de injustiça e desigualdade que os contemporâneos de Miqueias estavam cometendo, um deles era, portanto, o costumaz e maléfico uso das técnicas da balança enganosa. Por isso, como porta-voz de Iahweh, o profeta faz a seguinte pergunta: "seria eu limpo com balanças falsas, e com uma bolsa de pesos enganosos?" (Mq 6,11).

Além de exigir que o povo deixasse aquela prática danosa, a vontade e a determinação de Iahweh era para que o povo israelita novamente voltasse a praticar atos de justiça (Mq 6,8) — "na Bíblia Hebraica [...] justiça não é apenas um tema central, mas é um conceito fundante" (SILVA, 2018, p 75) — e que deixasse a impiedade, a qual estava arraigada dentro das suas casas (v. 10). Os israelitas contemporâneos do profeta

Miquéias estavam sendo desonestos em suas práticas comerciais e religiosas. Estavam com as mãos impuras, pois usavam balanças injustas e praticavam fraudes em suas atividades comerciais. Então, em meio a um estado social-religioso caótico, Iahweh pergunta para o povo: "seria eu limpo com balanças falsas?". Certamente o povo não ousava lhe responder, pois, conscientemente sabiam que, muito tempo antes, o autor de um provérbio hebraico já havia advertido que para Iahweh "o peso justo é o seu prazer" (Pv 11,1). Neste contexto, podemos afirmar que a intenção do autor de Provérbio 11[3], particularmente o versículo 1 (de conteúdo moral e ético), foi o de exortar os israelitas — bem como a toda humanidade — acerca dos fartos perigos, da possível gravidade e das inevitáveis consequências futuras que poderiam vir quando, propositalmente, enganavam o seu próximo, usando em benefício próprio o peso (*eben*) da balança enganosa. Tais benefícios eram "riquezas que o dono acumula para a sua própria desgraça" (Ec 5,12).

Ainda, sobre o grupo de profetas denunciantes das balanças falsas e dos pesos e medidas adulterados, cabe aqui mencionarmos o nome do profeta Amós — considerado um dos "profetas radicais do século VIII a. C." (REIMER, 2006, p. 22), — com suas visões tematizadas "contra Israel" (Am 1,1) e contra outros povos contemporâneos (Am 1, 3-13). Por causa da caótica situação moral em que se encontrava o povo de Israel, especificamente em Samaria (SICRE DIAZ, 1996), Amós, que fora levantado por Iahweh, profere duros avisos, pois o povo não mais agia com retidão em seu modo de viver (Am 3,10). Haroldo Reimer (2006, p. 23) pontua que no livro de Amós 8,4-7 encontra-se uma forte "crítica profética relacionada com transações econômicas". Segundo este autor, tal crítica era em razão de estar havendo cidadãos israelitas que "estariam usando balanças adulteradas na hora da entrega do cereal e na hora da pesagem da prata para o pagamento". A desonestidade, neste caso, apontada por Amós, afluía em épocas específicas das colheitas e da comercialização de cereais, como, por exemplo, na época da colheita e venda do trigo e da cevada; os quais eram colhidos entre os meses de abril e junho (COLEMAN, 1991, p. 186). Muito embora não tendo recebido muita atenção do povo em relação aos seus sérios oráculos, — pois o povo se encontrava em um estado social no qual se detestava a sinceridade (Am 5,10) —, todavia, o profeta Amós, em seus oráculos, admoestou o povo, de modo incisivo e objetivo, dizendo: "ouvi esta palavra, que eu profiro" (Am 5,1); "procurai o bem e não o mal" (Am 5,14); "estabelecei o direito" (Am 5,1,14,15); "a calamidade não avançará" (Am 9,10).

Finalizando a discussão, cabe aqui ponderar que a prática do uso da balança falsa provocou modificações profundas e complexas em todas as camadas da sociedade do antigo Israel. Paralelamente ao uso da balança falsa crescia, igualmente, as injustiças e desigualdades sociais. No horizonte em que avançava o uso das artimanhas da balança falsa avançava também a desonestidade, pois ela encontrava muito espaço, aceitação e serventia em todo sistema social, político, econômico e religioso (1 Rs 21,8-15). Além das desonestidades existentes no âmbito das práticas comerciais (DAVIDSON, 1997, p. 1194), é notável afirmarmos que várias citações bíblicas evidenciam que a balança desonesta contaminou e afetou indivíduos de todas as classes sociais.

Diante disso, os profetas atuaram com forte impulso, pois se fundamentavam em revelações e profecias que não eram de si mesmos, mas, pelo contrário, combatiam o

[3] "Provérbio de Salomão" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1020).

uso da banca falsa segundo a "palavra, vontade, orientação, promessa e ameaça" (GUNNEWEG, 2005, p. 244) recebidas de Iahweh.

5 Considerações Finais

Na rica história do profetismo israelita há muitos relatos de rupturas dos vínculos e das normas sociais-religiosas. Na área comercial, por exemplo, uma grande parte da sociedade, especificamente aqueles indivíduos que tinham a oportunidade e os meios para agirem com idoneidade, justiça e honestidade, no entanto, ao contrário, se mostraram gananciosos, cobiçosos e fraudulentos ao lidarem com suas negociações comerciais.

Assim, diante de um caos moral e ético que se havia estabelecido, os profetas de Iahweh direcionaram seus oráculos em oposição ao uso contínuo de tantos atos ilícitos. Alguns profetas mensageiros de Deus, como Miquéias e Amós, por exemplo, tiveram uma relação conflituosa com aqueles israelitas (cidadãos comuns, comerciantes, religiosos) que relutavam em continuarem com suas práticas indevidas, relacionadas ao mal uso dos pesos e das medidas. No conteúdo das orientações entregue aos seus profetas e, eventualmente, retransmitidas por eles, Iahweh fazia com que uma parte do povo estivesse ciente — embora não lhe obedecesse — de toda a sua contrariedade e indignação pelos males que estavam causando aos seus compatriotas.

Por fim, vale ressaltar que embora o artigo tenha apresentado apenas fragmentos teóricos e histórico-bíblicos, os quais frisam sobre o uso da balança desonesta nos tempos do antigo Israel, contudo, foi possível compreender que, não raramente, assim como naqueles dias tais práticas continuam causando, no presente, consequências financeiras desastrosas. Além disso, causam também, na maioria das vezes, prejuízos sociais e morais que, geralmente, são irreparáveis, tanto para aqueles que são fraudadores como para aqueles que são trapaceados.

Referências

ANJOS, Márcio Fabri dos. Para compreender a espiritualidade em bioética. *In*: PESSINI, Leo; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. *Buscar sentido e plenitude de vida:* bioética, saúde e espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 19-28.

BAKER, David W.; ARNOLD, Bill T. *Faces do Antigo Testamento*: um exame das pesquisas recentes. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1991.

DAVIDSON, F. *O novo comentário da bíblia*. São Paulo|: Vida Nova, 1997.

DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

ELLISEN, Stanley. *Conheça melhor o Antigo Testamento*: um guia com esboços e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia. São Paulo: Editora Vida, 2007.

FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

GOTTWALD, Norman K. *As tribos de Iahweh*: uma sociologia da religião de Israel liberto. São Paulo: Paulus, 1986.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia bíblica do Antigo Testamento*: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HOFF, Paul. *O pentateuco*. São Paulo: Editora Vida, 2007.

KONINGS, Johan. *A Bíblia, sua origem e sua leitura*: introdução ao estudo da Bíblia. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTINS, Raimundo A. *Pecado continua sendo pecado*. Goiânia: Editora Visão, 2019.

MAZAR, Amihai. *Arqueologia na terra da Bíblia*: 10.000-586 a.C. São Paulo: Paulinas, 2003.

PFEIFFER, Charles F; VOS, Howard F; REA, John. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

REIMER, Haroldo. *Sobre a economia no antigo Israel e no espelho de textos da Bíblia Hebraica*. *In:* RICHTER REIMER, Ivoni (Org.). *Economia no mundo bíblico*: enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2006. p. 7-33.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. O discurso profético de Miqueias em meio à violência e opressão e sua relevância para a atualidade. *Estudos de Religião,* São Bernardo do Campo, v. 27, n. 2, p. 94-113, 2013.

SICRE DÍAZ, José L. *Introdução ao profetismo bíblico*. Petrópolis: Vozes, 2016.

SICRE DÍAZ, José L. *Profetismo em Israel*: o profeta, os profetas, a mensagem. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Valmor da. *O caminho da justiça na sabedoria de provérbios*. São Paulo: Paulus, 2018.

TOGNINI, Enéas. *Geografia da terra santa e das terras bíblicas*. São Paulo: Hagnos, 2009.

VASCONCELLOS, Pedro L.; SILVA, Valmor da. *Caminhos da Bíblia*: uma história do povo de Deus. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

WALTON, John H; MATTHEWS, Victor H; CHAVALAS, Mark W. *Comentário bíblico Atos*: Antigo Testamento. Belo Horizonte: Editora Atos, 2003.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.